

## Blanchot tal como imagina Foucault: a escritura profética

Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes<sup>1</sup> (UNICENTRO-PR)

### Resumo:

“A palavra profética” vem a ser uma fala que, aqui tomado blanchotianamente como conceito, não apenas anuncia o porvir como, mais que isso, desconstitui a presença, o presente, nos abandonando ao eco da voz. Deste modo “profético”, Blanchot leu a escritura de Michel Foucault como um espaço literário, em seu livro “*Michel Foucault tel que je l’imagine*”. Nosso artigo investiga as peculiaridades descentralizadoras desta leitura sobre Foucault operada por Blanchot. Até que ponto, Blanchot imagina, reverbera, ética ou esteticamente, Foucault? Sob quais consequências haveria um estilo **foublanchotiano** nesta obra?

**Palavras-chave:** Blanchot, Foucault, escritura, imagem, nome próprio

### Introdução

Fascinado, vislumbro Blanchot, ao falar de Foucault, ao lembrar Foucault, como um autêntico **profeta**. Sei que a palavra pode parecer demasiado pesada para assenta-la ao leitor/amigo de Foucault em “*Michel Foucault tel que je l’imagine*” (Blanchot, 1986).

O profeta é - lembremos de “A palavra profética” (Blanchot, 2005, p.113-124) - o detentor de uma fala por si mesma **pesada**, nunca branda, o que confere nosso medo do peso sofrido da profecia, é um resgate de peso geográfico e emocional de uma certa relação com o deserto da própria linguagem, em suma. Como diz Blanchot, sobre a fala profética, “seu peso é sinal de autenticidade” (Blanchot, 2005, p. 118), pois apenas os “falsos profetas são amáveis e agradáveis” (Blanchot, id.ibid.). Para entender Blanchot como profeta, retirando o detalhe dele ser tacitamente amável e agradável com o trabalho de Foucault, imaginemos, por exemplo, as profecias bíblicas, no enlêvo da fala excitada ou furiosa. Lembremos que, para Blanchot, o profeta não é apenas aquele adivinho que anuncia o futuro, o porvir, é sim uma voz cuja dimensão discursiva compromete o próprio presente, põe mais em jogo a ausência do presente do que a presença do futuro. É a **lembrança do deserto**.

Ao falarmos em “palavra profética” como palavra pesada, nos vem à memória a imagem célebre do vidente Tirésias, aquele que revela todos os segredos de Édipo, segredos que todos já sabíamos e assim mesmo nos provoca a catarse. Tirésias, com sua voz levemente em transe, no compasso da inspiração balbuciante porém pacífica, de Sófocles. Personagem que, dentre outras, interessou Michel Foucault, em conferência no Rio de Janeiro, do ciclo *sobre a verdade e as formas jurídicas*, um ano após a publicação do *Antí-Édipo*, por Deleuze e Guattari. Em Foucault, vemos antes a extrema preocupação para com as políticas do mundo judiciário grego que a tragédia de

---

### 1 Autor

**Daniel de Oliveira GOMES, Prof. Dr.**

Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO)

Departamento de Letras

E-mail: setepratas@hotmail.com

Édipo suportaria naquela época, as representações que Édipo Rei possui numa determinada instância de transição da Grécia Arcaica para a Grécia Clássica. Por isto a presença da voz do profeta ali é interessante como a imagem das novas configurações do saber e do poder que interessam Foucault para criticar sobretudo a psicanálise. Como dirá Blanchot: “*si la peste de Thèbes a pour origine l’inceste d’Edipe, on peut considérer que généalogiquement la gloire de la psychanalyse n’est qu’un lointain effet de la peste ravageuse.*” (Blanchot, 1986, p.36).

Foucault parte, também, do mesmo ensinamento contextual de Espinoza, quando procura conhecer, por exemplo, em que sentido Sófocles foi ele mesmo um profeta com a peça Édipo Rei, uma das colunas que edificaram as relações de poder-saber no ocidente até Nietzsche. Pode-se vislumbrar o quanto Foucault parece partir de uma visão blanchotiana, colocando em um lugar sem lugar as disposições de poder da própria psicanálise, uma vez que para Blanchot a experiência do deserto é o da errância, ou seja, onde só se pode errar, de um tempo sem passado, numa relação nua com o Fora, preocupando-se com o aquém das alianças, dos topos, das potências interiores. “Deleuze refere-se a Foucault como o determinador de um novo paradigma e o aproxima de Blanchot”(GOMES, 2009, p.22).

O Fora, em Foucault como em Blanchot, a quem ele toma emprestado esse termo, é o que é mais longínquo que qualquer mundo exterior. Mas também é o que está mais próximo que qualquer mundo interior. E daí a reversão perpétua do próximo e do longínquo. O pensamento não vem de dentro, mas tampouco espera do mundo exterior a ocasião para acontecer. Ele vem desse Fora, e a ele retorna (Deleuze, 1992, p.137)

Considero interessante como Blanchot, que inicia o texto afirmando cabalmente nunca ter tido relações pessoais com Foucault, para escrever sobre ele, para **imaginá-lo**, buscará uma fala tão amiga, que ressoa até mesmo como um eco de uma perdida voz foucaultiana. Uma voz irrepreensível, incessante, como se este fosse, por sua vez, o seu profeta que o desnuda. Mas esta é a relação, *ad infinitum*, com o Fora. O que faz o profeta é justamente isto: nos faz sentir desnudados, a lembrança de uma vergonha original que nos assola inacreditavelmente e nos obriga a fechar os olhos, a nos tornarmos “cegos” e sábios como o profeta. O profeta contamina tudo com sua voz, na medida em que nos propõe o desnudamento de um rosto que só pode ser “absoluto de luz” (em Blanchot a metáfora da luz, não raro, tem o sentido do **fascínio inapreensível** e não o tom iluminista de verdade ou pureza, obviamente).

Ao mesmo tempo, ele jamais imita Foucault, é como se a fala de Foucault não pudesse ser vítima de mimeses, uma mera escolha estilística de palavras, figura simbólica ou alegórica, estilo autoral, mas sim uma linguagem que, fugindo a toda interpretação possível obsessivamente, não propriamente se rejeita ou assimila. Logo, Blanchot é ele-mesmo e é ele-imprevisto, sua originalidade é assim, perdeu o silêncio, comunidade negativa onde “não há fim ali onde reina a finitude”(Blanchot, 1999, p.55), ou como diria Bataille, “comunidade dos que não tem comunidade”(Blanchot, 1999, p.65).

## Esperando Blanchot

Diferente da fala profética de Tirésias que leva ao destino trágico, que condena ao trágico, temos a comunidade profética do pensamento negativo, absurdo, onde a possibilidade do trágico é, ao contrário, confiscada, formada como que no palco vazio de “Esperando Godot”. Numa das biografias mais famosas de Foucault, “La Passion Foucault”, James Miller destaca a importância que a peça “En attendant Godot” teve para Foucault em sua juventude marcada pelo fascínio em Heidegger; peça esta que Alain Robbe-Grillet justamente qualificou como “*théâtralisation de la*

*pensée de Heidegger*” (Miller, 1993, p.85.). Ela significou para Foucault, quando numa noite de inverno de 1953 a viu pela primeira vez, a representação de uma ruptura com o horizonte do seu tempo, Beckett assinava não apenas uma peça, mas, para Foucault, a inacessibilidade a qualquer moral, a qualquer valor.

Assim, as assinaturas de Foucault e Blanchot combinam-se entre si como as de Vladimir e Estragon ao final do dia, oito letras que, como diria o professor John Fletcher, marcam o acordo amoral entre o neurótico e o intuitivo, o extrovertido e o introvertido, a fala beckettiana, a *mise-en-scène* da amizade, da assinatura atópica.

Do mesmo modo que Didier Anzieu comentou a obra de Samuel Beckett, digo que a obra de Michel Foucault é ‘como uma imensa empresa colocada a serviço de uma atividade de pensamento negativo’. Isso explica porque fui levado a perceber o próprio da voz do filósofo pelo que não é, ou seja, pela negação de toda articulação sistemática de linguagem e discurso que submete o seu modo de ser ao ser da determinação, imposição do Outro. (Souza, 2009, p.104)

Pedro de Souza fala do pensamento negativo em Foucault, algo que justamente Deleuze também reforça em seu livro “Foucault”. Um livro dos anos oitenta, em cortesia ao filósofo. Quando mescla desde o nome próprio de quem o inspira com o nome do próprio livro, não existe realmente maior gesto de cortesia e amizade. No entanto, Deleuze do mesmo modo que assume expressões inevitáveis de Foucault, não deixa de ser sempre muito ele-mesmo, ainda avança a partir de suas análises impressionantemente deleuzeanas sobre Foucault, nos dando margem a talvez imaginar as relações pessoais que tiveram. Blanchot, por seu lado, opera uma leitura de Foucault tal como um imaginário. Não demonstra uma amizade mas, além disso, o desejo de amizade, um aquém da amizade. Maurice Blanchot aponta a negatividade, em *Michel Foucault tel que je l’imagine*, ao ressaltar a característica do filósofo na fuga da interpretação e da originalidade, sua tautologia quase heróica em que toma e retoma enunciados na busca residual à soberania do significante. Blanchot nos convoca a reler “A Arqueologia do Saber”, por exemplo, para que nos surpreendamos com a **teologia negativa** que Foucault explora aleatoriamente, frases que se contradizem, que oscilam na busca da perfeição imperfeita.

*Foucault mettant tout son talent à décrire en phrases sublimes ce qu’il rejette: ‘ce n’est pas..., ce n’est pas non plus..., ce n’est pas davantage...’, de sorte qu’il ne lui reste presque rien à dire pour mettre en valeur ce qui précisément récuse l’idée de valeur: l’énoncé qui est rare, qui est singulier, seulement réécrit, en rapport avec ses seules conditions **externes** de possibilité (le dehors, l’extériorité) et donnant ainsi lieu à des séries aléatoires qui de temps en temps font **événement**.* (Blanchot, 1986, p.26)

Momentos quando a vontade de verdade, na monarquia institucional do pensar histórico-filosófico, se torna irrespirável em detrimento de um convulsivo jogo negativo da leitura: o de “encarar a rarefação dos discursos”, como bem disse Foucault, em 1970, ao assumir o posto do mestre Jean Hyppolite no *Collège de France*. Uma linguagem que **nomeia** um sentido vindouro quando ao mesmo tempo **apaga** o próprio futuro. O eco que aparece quando se perde o silêncio. Qual vemos em “Pena de Morte”.

Ter perdido o silêncio; o arrependimento que isso me causa é sem tamanho. Não poderia dizer o infortúnio que invade o homem que alguma vez fez uso da palavra. Infortúnio imóvel, ele mesmo fadado ao mutismo; através dele, o irrespirável é o elemento que respiro. Tranquei-me sozinho num quarto, sem ninguém mais na casa, do lado de fora quase ninguém, mas esta solidão começou a falar, e, por minha vez, devo falar dessa solidão que fala, não por desdém, mas porque acima

dela para uma outra ainda maior, e acima desta uma outra ainda, e cada uma, ao receber a palavra para sufocá-la e silenciá-la, ao invés disso, a faz repercutir ao infinito, e o infinito torna-se seu eco. (Blanchot, 1991, p.53,54)

Por isso Blanchot é um profeta. Em dois sentidos. Primeiro, no sentido de que, tal como Tirésias, avoca o tom negativo de quem faz cintilar um destino, nos conta originalidades que todos já **sabíamos** como expectadores de uma peça, no caso, as encenações foucaultianas, seus bailes sobre a descontinuidade, os mecanismos da loucura, as vertigens da história, os não-ditos, a obstinação pela sexualidade, etc. Depois, ele é profeta no sentido beckettiano, que absorve uma profunda intimidade com uma voz outra, dominando de algum modo sua existência, e dissemina tal existência, compartilhando do impossível, da espera infinita.

## Um texto “foublanchotiano”

Poderíamos produzir uma lista de terminologias que são muito foucaultianas no modo como Blanchot lembra Foucault, disseminando frases e expressões como estas: “*le quadrillage rigoureux*” (policiamento, quadriculamento rigoroso); ou “*mettre à découvert des pratiques discursives*” (pôr a descoberto práticas discursivas); ou “*volonté de vérité*” (vontade de verdade); ou “*les rapports multiples du savoir e du pouvoir*” (as relações múltiplas do saber e do poder); ou “*micro-pouvoirs*” (micropoderes); ou “*des pratiques sociales qui en constituent l’arrière-plan*” (práticas sociais constituindo o pano de fundo)... Eis a pergunta borgeana cuja resposta nenhum advinho poderia predizer: estará Blanchot imaginando Foucault, ou imaginando-se Foucault ao imaginá-lo?

Talvez, Blanchot tenha perdido a voz, em estado de afasia advinhatória, fala profética que conseguiu interromper a ininterrupção da fala que jamais repousa, o que pode parecer extremamente contraditório. Talvez apenas Blanchot imaginando(-se) Foucault, tendo entrado na ordem em desordem do discurso foucaultiano, tenha sido contagiado por aquilo que o professor Pedro de Souza vem estudando atualmente: o desnudamento de uma voz aquém dele mesmo, um “gesto vocal hesitante”, “o modo como Michel Foucault remete a uma voz que não é sua e que ele deseja ouvir precedendo a sua fala” (p.79), que vimos em boa parte de seus escritos e conferências. Noto que Blanchot não escreve de modo tão hesitante, não tanto quanto Foucault, mas o modo com o qual escreve parece fruto de uma hesitação excitante advinda de seu desejo de amizade e respeito com aquilo a que se refere, “aliança sempre rompida, jamais interrompida” (Blanchot, 2005, p.124).

Em toda sua evidente sabedoria acerca do trabalho foucaultiano, e toda parcela de influência que lhe compete ao que há de mais enigmático e profético em Foucault, quem sabe Blanchot esteja buscando isto mesmo: tal aliança por excelência da amizade que, ele próprio afirma ter sido delegada a Foucault como dom póstumo. Foucault que tanto admirava este aspecto da antiguidade, a amizade. Assim, Blanchot termina seu texto emprestando uma frase: “*O mes amis, il n’y a pas d’amī*”. Se há alguma desorientação da amizade nesta busca, é uma desorientação histórica peculiar do profeta, como o Deus pós-adâmico cuja fala assume uma “profética desorientação essencial”, dirá Blanchot, pois já não sabe o lugar do homem.

Ao falar da linguagem profética, em “O livro Por Vir”, Blanchot lembra de Adão e alguns mitos bíblicos. Quando Adão come o fruto da árvore proibida, Deus o chama perguntando “Onde está?”. Deus está desorientado. Portanto sua linguagem amedronta babelicamente, como um eco impossível no deserto. De algum modo, Blanchot assim chama Foucault, “Onde está?”, repetindo a

fala que lhe foi confiada, numa espécie de fascinação sem fim com sua própria voz que reflete Foucault como ele imagina, como ele imagina que o imagina, em repercussão. Penso se o pecado de Foucault estaria em jamais terem tido propriamente relações pessoais, ou mesmo em ter falecido tão jovem sem esta concretização.

A fala profética é originalmente diálogo. Ela o é de forma espetacular, quando o profeta discute com Deus e este 'não lhe confia apenas a sua mensagem, mas também sua preocupação'. '*Esconderei a Abraão*, diz Deus, *o que vou fazer?*'. Mas ela é diálogo de um modo mais essencial, na medida em que repete a fala que lhe é confiada, afirmação na qual se exprime então, por uma fala iniciante, o que no entanto já foi dito. Essa é sua originalidade. Ela é a primeira e no entanto há sempre, antes dela, uma fala à qual ela responde, repetindo-a. Como se toda fala iniciante começasse por responder, resposta na qual se ouve, a fim de ser reconduzida ao silêncio, a fala do Fora que não cessa: Minha palavra incessante diz Deus. Quando fala, Deus parece precisar ouvir sua própria fala – transformada assim em resposta – repetida no homem, o único em que ela pode afirmar-se e que se torna responsável por ela. Não há contato de pensamento, nem tradução em palavras do indizível pensamento de Deus, mas troca de palavras. (Blanchot, 2005, p.119)

Numa acepção ampla, quem se aventura na disseminação da grafia, pertence a um tempo onde reina a indecisão do recomeço, onde é impossível apartar-se da obstinação que o leva a redizer o que já disse (porque, aporeticamente, este já-dito ainda não se disse). Deus está a volver, converter, ao texto, no momento em que se dirige a uma suposta resposta, a um fim. Uma beleza nula e por sua vez sempre inacabada é, portanto, re-inseminada, regenerada, constantemente pela operação de um enxerto monstruosamente incoercível. Haveria, nessa doença - *phátos* do inacabamento - da qual todo escritor é contaminado, um fenômeno solitário e enigmático que Blanchot conceituará como uma **preensão**, um ato de segurar, uma segurança, porém: **persecutória** (em que há perseguição). Ele fala disso em "O Espaço Literário". Já a fala profética, para Blanchot, é aquela que justamente consegue romper, interromper, a ininterrupção essencial da fala, e assim estamos, arrebatadoramente nus, em dias nômades, na lembrança do Fora. Mas Blanchot, acredito, assume uma fala profética, ao mesmo instante, repito, em que observa Foucault como um profeta, um poeta, um artista.

O poeta, o artista, não são providos, em definitivo, para ele, de um *savoir-faire* criador, musical ou rico, mas tão-só o nada, a tensão, naturais de alguém que escreve, que verte, sustenta, esse ato só. Uma tensão do murmurar que, nunca sendo suave, poderíamos chamar de intensa. Então, no seio desta tensão intensa, por assim argumentar, escrever é quando, por excelência, na sentença do "eu sou" (na linha da vida) reside uma angústia do não-ser. O "eu sou" inscreve-se como decisão de um ser sem ser, nome inominável, como todo ato de pensamento, como toda aparição onde "tudo desaparece".

## Conclusão

Blanchot se sacrifica por Foucault. Blanchot demonstra-se solitário e põe em risco sua própria voz. O destino de sua escrita pertence a outro. Na exigência do escrever que lhe faz pôr mãos a obra, escrever sobre o amigo, Blanchot anuncia uma recusa: a de ultrapassar o limiar de sua literatura. Foucault é lido como uma literatura; não há propriamente um último Foucault, um primeiro Foucault, um Foucault "do meio" (central). Sequer há um Foucault. Como diz Peter Pál Pelbart, "Blanchot redescobre na literatura um espaço rarefeito que se põe em xeque a soberania do

sujeito. O que fala no escritor é que ‘ele não é mais ele mesmo, já não é ninguém’: não o universal, mas o anônimo, o neutro, o fora.” (Pelbart, 2002, p.290).

E Foucault é uma literatura em Blanchot (no dilema do olhar de Orfeu), quando, destinado a fazer-nos entender como entrar no *templum*, conforme na leitura de Barthes, estamos em uma região onde fatalmente queremos destruir o templo, sob “um rumor que muda de antemão tudo o que podemos dizer”(p.302). Se Blanchot usa das mesmas tintas, pinturas, timbres, rastros, vicissitudes que as mãos de Foucault usariam para falar de si mesmo, não é apenas porque adentre no *templum* do profeta, apropriado por seu estilo neutralizador. É porque arruina o templo; mostrando seus conceitos nunca adormecidos, o estilo convencional do autor que lhe serve de motivo de fala, como sendo nada mais nada menos que personagens de um grau zero, de uma trama literária. Uma experiência menos de *bien écrire* do que do espaço literário, fabular, ficcional de Foucault.

*Autrement dit, je suis un fabuliste rédigeant des fables dont il serait imprudent d'attendre des moralités. Mais Foucault ne serait pas Foucault, s'il ne corrigeait ou ne nuançait sur-le-champ: 'Mais je crois qu'il est possible de faire fonctionner dès fictions à l'intérieur de la vérité'.* (Blanchot, 1986, p.46,47)

Blanchot dança, visceralmente, com essas personagens incansáveis que o filósofo criou, seus conceitos, suas palavras, sua voz, suas hesitações, suas hipóteses, pressentindo que ali sobrevivem menos pelo sopro de seu *auctor*, propriamente, tal como a escritura de Beckett, Proust ou Kafka, “mas sentimos que é o totalmente outro que escreve, uma exigência de escrever, uma exigência que utiliza o nome de...” (p.306) Foucault e Blanchot.

Sem dúvida que foi sempre assim: desde o momento em que um facto é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir directamente sobre o real, quer dizer, finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa. (Barthes, 1984, p.49)

Lembro que Foucault publicou “O que é um autor?” em resposta a Roland Barthes que um ano antes publicara “A morte do autor” (1968). Mas como nos diz o professor Niels Busch-Jepsen - em artigo constante num belo livro organizado por Frédéric Regard e Nicole Jacques-Lefèvre - enquanto Barthes desponta de um manifesto da *Nouvelle Critique* francesa, negando o autor como indivíduo, Foucault, por sua vez, repõe em evidência a questão do nome próprio de Searle, onde a função-autor não é meramente a atribuição de um discurso a um indivíduo; ele investiga o vazio após a afirmação de Barthes. No entanto, de modos diferentes, ambos reavaliam questões historicistas sobre a função-autor. Já Blanchot, que está muito aquém de Foucault, está muito além de Foucault e Barthes. Sobre *Michel Foucault tel que je l'imagine*, arrisco afirmar que as questões blanchotianas - cujos paradoxos sempre foram filosófico-literários ao analisar tantos autores, por exemplo: Jabés, Neher, Hesse, Rilke, Kafka, Proust ou Bataille - desta vez estão em pauta questões que se debruçam sobre a função autoral de Michel Foucault, ou melhor, sobre sua função como nome próprio inserido em uma discursividade por ele mesmo fundada e que o compromete em termos de escritura, lado a lado com Blanchot.

O peso dessa voz, ou dessas vozes: supô-las convivendo na passagem vacilante de um abandono rumo à entrega total e uma entrega que é puro abandono. O que se dá, em definitivo, pela irremediável co-participação imaginária, sincrônica, indecível, entre a mudez e a fala das mãos daquele que escreve, o apagamento e o acabamento de seu escrito. Solidão beckettiana: somente no intervalo dos dedos aberto pela contrariedade de dois gestos, de duas mãos intrinsecamente estranhas, somente no desamparo dos escritores, na armadilha da noite, suas dez estrelas, a intimidade do pensamento pode abandonar-se ao extremo, ao "ato só de escrever". Ao desespero dos "dois abismos" de que falou Mallarmé, experiência tal que muito interessou a Blanchot para versar a tese de que escrever jamais significa o aperfeiçoamento da linguagem corrente, sua

purificação pelo processo harmonioso de uma representação **elaborada**.

Michel Foucault não se cansará de apontar o viés inaugurado pela literatura moderna, a sua intransitividade, o seu desgarramento de uma qualquer função de representação. Situando-se no esvaziado de formas desaparecidas, a do homem na curvatura da *Epistême* moderna e na esteira da evasão do deus morto, caberia a ela a assunção de sua autonomia reavendo o seu ser de linguagem – voltada a si em dobradura e no retorcido desta, tomando-a a si mesma como a totalidade daquilo de que trata e de que inventa tratar. Nos termos de Foucault ao falar do fictício como se buscasse defini-lo: “A nervura verbal do que não existe, tal como ele é”. E aí manter-se como que *na* distância. Não a distância que diz do mundo o seu outro irreduzível, a distância com relação às coisas, e as gentes entre as coisas, a exterioridade do mundo, a interioridade do sujeito. Outro modo de ser o desta distância ela mesma sendo o estatuto da linguagem literária, a sua condição de simulacro, e a inacessibilidade vertiginosa da qual Blanchot não se cansou de mencionar. Aqui é Maurice Blanchot a dizer da literatura: “(...) Quem a busca, só busca o que lhe fura; quem a encontra, só encontra o que está aquém ou, pior ainda, além da literatura” (Queiroz, 2007, p.30)

Um pouco comparativamente, é certo que o Blanchot que estou acostumado a ler possui sempre uma escrita mais resguardada, assim digo, que Foucault. E até mesmo mais literária, ou uma outra literatura está em causa. Mas, de repente, eis que uma nova solidão ficcional começa a falar em Blanchot; e, ao falar de Foucault, ele imagina esta solidão, dialogando com as paredes do quarto que o profeta nos deixou: o deserto.

## **Referências Bibliográficas**

- BARTHES, Roland, “A morte do autor” in *O rumor da língua*, trad. Antônio Gonçalves, Lisboa: Edições 70, 1984.
- BLANCHOT, Maurice. *Michel Foucault tel que je l'imagine*. Paris: Éditions Fata Morgana, 1986.
- “A fala profética” in *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp.113-124.
- *Comunidad Inconfesable*. Trad. Isidro Herrera, Madrid: Arena Libros, 1999.
- *Pena de Morte*, trad. Ana de Aguiar, Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. Trad. Fábio de Souza Andrade, São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. “Conferência 2” in *A verdade e as formas jurídicas*, Rio de Janeiro: Nau, 2001
- *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo : Loyola, 1996.
- BUCH-JEPSEN, Niels, “Le Nom propre et le propre auteur. Qu'est-ce qu'une 'fonction-auteur?'” in JACQUES-LEFÈVRE, Nicole et REGARD, Frédéric (org), *Une histoire de la 'fonction-auteur' est-elle possible?*, Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2001, pp. 48-64.
- MILLER, James. “En attendant Godot” in *La passion Foucault*, Paris: Plon, 1993
- PELBART, Peter Pál, “Literatura e Loucura” in *Imagens de Foucault e Deleuze*. Margareth Rago (org). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- QUEIROZ, André. “Escritura e Vertigem: A questão de Beckett, a questão de Foucault” in André Queiroz e Nina Velasco da Cruz (org) *Foucault hoje?*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- SÓFOCLES, “Édipo Rei” in *O teatro Grego*. Trad. e adap. Osmar Perazzo Lannes. São Paulo: Paumape, 1993.
- SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault*. O trajeto da voz na ordem do discurso, Campinas: Editora RG, 2009.
- SOUZA, Pedro de, GOMES, Daniel de Oliveira (org). *Foucault com outros nomes*. Lugares de enunciação. Ponta Grossa: UEPG, 2009.